

29 NOV 1990

Credores criticam falta de garantias

ESTADO DE SÃO PAULO

A retirada do aval da República a uma parte da dívida foi mal recebida pelos bancos

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — No que depender dos credores, a decisão do governo de retirar, na prática, o aval da República de uma parcela da dívida externa contraída por empresas públicas, Estados e municípios, dominará a nova rodada de conversas entre o negociador da dívida, Jório Dauster, e o comitê de bancos, iniciada ontem, em Nova York. A oferta de pagamento de uma parte dos juros atrasados que o governo fez aos bancos, na semana passada, excluiu vencimentos de US\$ 1,7 bilhão de juros de empréstimos garantidos pela República.

De acordo com fontes do governo americano e do comitê de bancos, o gesto brasileiro foi mal recebido pelos credores e estes insistirão que o governo honre a garantia que foi estendida à maioria desses empréstimos. "A pergunta que os bancos estão se fazendo é que valor tem o bom nome do Brasil num contrato", disse um contrariado integrante do comitê de bancos. "Quando garantiu os empréstimos, a República brasileira assumiu a responsabilidade de honrar o pagamento."

Apesar da nova carga dos bancos, a equipe de negociação inicia esta nova etapa das conversas com

os credores numa posição um pouco mais confortável. O fato de o governo ter oferecido um pagamento de juros atrasados e a pressão por boas notícias criada pela proximidade da visita do presidente George Bush ao Brasil, na semana que vem, levaram a um arrefecimento da forte pressão oficial a que o País esteve sujeito nas últimas semanas.

Ontem, como antecipou o Estado, o Banco Interamericano de Desenvolvimento aprovou um empréstimo de US\$ 250 milhões para o BNDES que os Estados Unidos haviam barrado no início do mês para forçar o Brasil a adotar uma posição mais flexível. Hoje, o Banco Mundial deve autorizar mais dois empréstimos, no total de US\$ 450 milhões, que estavam na mesma situação por iniciativa do governo japonês. Paralelamente, o Eximbank americano formalizou nos últimos dias a oferta de um empréstimo de US\$ 178 milhões à Embratel para a compra de dois satélites de telecomunicações da Hughes Aircraft Corporation.

O fosso que separa as posições do Brasil e dos bancos continua grande e em nenhum dos dois campos há previsão de um entendimento rápido. A nova controvérsia com os credores envolve empréstimos de aproximadamente US\$ 15 bilhões, sobre os quais há uma dívida pendente de US\$ 1,7 bilhão de juros vencidos. Este montante faz parte do total da conta de juros em atraso que está sendo discutida em Nova York.